

## REPORTAGEM DE CAPA

No mundo todo, cidades crescem em velocidade nunca vista, problemas se multiplicam, mas esse parece ser o preço do progresso. Por **Leandra Peres**, para o Valor, de Washington

# Urbanização, caos e vida

**L**ondres levou um século para se transformar numa metrópole de 10 milhões de habitantes. Hoje, a cada hora, 11 pessoas escolhem morar em São Paulo. A cada hora, Mumbai, na Índia, ganha 44 novos habitantes. Lagos, na Nigéria, recebe 300 mil pessoas por ano. Nesse ritmo, o que os países desenvolvidos levaram cem anos para fazer o mundo está vendo acontecer agora em menos de 35 anos. São números e cálculos do estudo “Living in the Endless City”, (vivendo na cidade sem fim), publicado pela London School of Economics.

O futuro superurbano que se avizinha é inevitável e ninguém mais duvida que quase 70% da população mundial (68%, segundo projeções da ONU) estarão nas cidades em 2050. A discussão entre os pesquisadores — o **Valor** conversou com sete deles — trata de como lidar com os inúmeros e imensos efeitos colaterais desse crescimento urbano acelerado e inédito.

Sem as cidades, os estudiosos têm certeza de que seríamos mais pobres, menos desenvolvidos, em suma, e até menos propensos ao casamento. O economista Edward Glaeser,

professor em Harvard, um dos mais provocativos pesquisadores da vida urbana, diz que, nos países onde mais da metade da população se concentra em cidades, a renda é cinco vezes maior e a taxa de mortalidade infantil é mais de um terço inferior ao mesmo indicador em países predominantemente rurais. O trabalhador de uma metrópole é 50% mais produtivo, em média, ganha 30% mais e se diz mais feliz do que quem mora em áreas rurais. As chances de se encontrar um parceiro nas cidades são muito maiores, por causa da concentração de jovens solteiros. Em 2008, eles eram metade da população adulta em Nova York, sem contar os 139 mil divorciados.

“As pessoas só aturam trânsito, violência, poluição, todas as desvantagens das cidades, por causa das oportunidades”, explica o professor Elliott Sclar, diretor do Centro de Desenvolvimento Urbano Sustentável da Universidade Columbia. “É da diversidade e heterogeneidade urbana que nascem novas ideias, e novas tecnologias são criadas e disseminadas.”

Glaeser conta que foi na Paris do fim do século XVIII que Mathuin Roze de Chantoise “inventou” o restaurante, ao criar um lugar

onde se serviam sopas revigorantes a pessoas sentadas em mesas individuais, que escolhiam seu prato e pagavam contas também diferenciadas. Em seu livro “Os Centros Urbanos: A Maior Invenção da Humanidade” (Campus, 2011), Glaeser mostra como o teatro, a invenção da escrita, a Reforma Protestante, o Facebook e até os gastos de uma família com sapatos têm a ver com as cidades. (Ver entrevista na página 7)

A primeira onda de urbanização no mundo aconteceu entre 1750 e 1950, quando a América do Norte e a Europa construíram suas cidades. É quando Nova York se enche de indústrias e Chicago aproveita a localização privilegiada para vender para o interior dos Estados Unidos. É a época dos canais, dos barcos a vapor, das ferrovias e do automóvel. Dito de maneira simplificada, é um período em que as cidades são pontos importantes de produção e a proximidade a uma rede de transporte define muito de seu sucesso.

Agora o foco mudou. É a vez da Ásia e da África, onde a Organização das Nações Unidas estima que a população urbana vá dobrar entre 2000 e 2030. “A migração rural está ocor-



Na China, o adensamento urbano se reflete no ritmo intenso das construções (como em Pequim, na foto) e consequente aumento dos danos ao ambiente